

“A MENINA DE LÁ”: O FANTÁSTICO-MARAVILHOSO NA OBRA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Arnaldo Nogari Júnior
Nerynei Meira Carneiro Bellini

Introdução

Como se constata no ato da leitura de variadas obras literárias, o homem vivencia emoções diversificadas e intensas, as quais podem ser capazes de marcar e, muitas vezes, modificar sua visão de mundo.

Nesse sentido, Candido (1995) afirma que, assim como não é possível ter estabilização psíquica sem o sono, talvez não exista equilíbrio social sem a literatura, pois esta é fator indispensável de humanização, pelo fato de atuar em grande parte no subconsciente e inconsciente do homem.

Seguramente, as emoções suscitadas na recepção da literatura pelo ser humano são de responsabilidade da fantasia e da ficcionalidade dos elementos textuais.

Entre os gêneros literários existentes, que, certamente, incorporam ficção e fantasia em sua estrutura, Todorov (1975), em suas pesquisas, defende a literatura fantástica, a qual se apresenta como vacilação experimentada por um indivíduo que não conhece mais as leis do mundo real, perante um fato aparentemente fantástico.

Desse modo, com base em nossas experiências de leitura, é possível verificar que determinadas obras literárias incluem em suas estruturas o fantástico, cuja variação poderá estar entre o estranho e o maravilhoso. Diante dessa complexidade, conclui-se que as narrativas fantásticas não podem, simplesmente, ser classificadas e rotuladas como tal, sem a devida consideração artística, mas é indispensável, como em qualquer outro tipo de arte, considerar suas variações, estilos e intenções de produção.

Pensando nisso, nesta pesquisa, propõe-se a análise do conto “A menina de lá”, de autoria de Guimarães Rosa, a fim de verificar as perspectivas insólitas presentes nessa obra e como as mesmas são organizadas textualmente. Assim sendo, apresentaremos uma análise minuciosa do conto, destacando o sobrenatural e como ele se configura na narrativa e quais seus possíveis significados.

Fundamentação Teórica

A literatura é fundamental a toda humanidade. Sua produção e fruição se baseiam numa condição de necessidade universal de ficção e de fantasia, inerente ao homem, pois surge, invariavelmente, em sua vida, junto da carência de satisfazer suas necessidades mais primárias.

Sendo assim, a literatura é uma das categorias que colaboram para essa necessidade, conforme sugere Candido:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e a fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certa forma é coextensiva ao homem, por aparecer invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado das satisfações das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos (CANDIDO, 1996, p. 80).

Por meio de um viés psicanalítico, Freud expõe a função da fantasia na humanidade, o que amplia as reflexões de Candido. Freud (1911/2006) afirma que o aparelho psíquico é regido pelo princípio de prazer, que se refere a um mundo interno de cada sujeito, carregado de desejos e pulsões em busca de satisfação, e pelo princípio de realidade, que implica na conscientização do indivíduo de que não pode viver meramente em função dos seus desejos, fazendo-o habituar-se às requisições do mundo real.

Consequentemente, perante esta realidade frustrante, a fantasia aparece como via de escape essencial e imprescindível aos seres humanos. Freud (1908/2006) defende que “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (FREUD, 1908/2006, p. 137).

Dessa maneira, portanto, verifica-se o valor da arte literária para a humanidade, a qual, em sua estrutura, incorpora a ficção e a fantasia que são indispensáveis a todos os indivíduos. Por assim ser, nesta pesquisa, destacamos um gênero literário que certamente reúne em sua estrutura os atributos mencionados por Candido e Freud, intitulado de fantástico.

De acordo com Rodrigues (1988), o termo fantástico (proveniente do latim *phatasticu*, por sua vez do grego *phantastikós*, ambos oriundos de *phantasia*) alude ao que é criado pela imaginação, o não existente na realidade empírica, o imaginário, o fabuloso. Logo, aplica-se “a um fenômeno de caráter artístico, como é a literatura, cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que se queira aproximá-la do real” (RODRIGUES, 1988, p. 09).

Nesse sentido, Todorov (1975) nos mostra que o fantástico se apresenta por meio de acontecimentos impossíveis de se explicarem pelas leis do mundo natural e que tais acontecimentos devem optar por duas soluções possíveis: “ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos” (TODOROV, 1975, p.15).

Diante disso, pode-se compreender que o fantástico na literatura ocupa o tempo das incertezas, ou seja, não se sabe se determinada situação, considerada sobrenatural, ocorreu realmente ou se existe uma explicação racional para a mesma. Evidentemente, sendo assim, o fantástico “é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1975, p. 16).

Todavia, determinadas obras da literatura do insólito podem trazer, no decorrer de suas narrativas, explicações racionais para determinada circunstância até então considerada sobrenatural. Quando isso ocorre, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho, conhecido como estranho.

De acordo com Todorov (1975), o estranho deve ser considerado sob duas perspectivas: o fantástico-estranho, no qual “os acontecimentos que com o passar do relato parecem sobrenaturais, recebem, finalmente, uma explicação racional” (p. 25), e o estranho-puro consiste em:

[...] acontecimentos que podem explicar-se perfeitamente pelas leis da razão, mas que são, de uma outra maneira, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam no personagem e leitor uma reação semelhante a que os textos fantásticos nos voltou familiar (TODOROV, 1975, p. 26).

Por outro lado, a literatura insólita pode conceber ainda, contrapondo-se ao gênero estranho, a necessidade de aceitar novas leis da natureza mediante as quais certo fenômeno pode ser esclarecido. Quanto isso ocorre, depara-se com outro gênero próximo ao fantástico, designado de maravilhoso. Rodrigues (1988) entende por maravilhoso “a interferência de deuses ou seres sobrenaturais na poesia ou na prosa (fadas, anjos etc.)” (RODRIGUES, 1988, p. 54).

Assim como o estranho, o maravilhoso é abordado sobre duas vertentes: o fantástico-maravilhoso e o maravilhoso-puro.

Semelhante ao estranho-puro, o maravilhoso-puro não possui limites definidos, ou seja, “os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nos personagens, nem no leitor implícito. A característica do maravilhoso não é uma atitude, para os acontecimentos relatados a não ser a natureza mesma desses acontecimentos” (TODOROV, 1975, p.30).

A vertente do maravilhoso mencionada no parágrafo anterior costuma relacionar-se com o conto de fadas, o qual é considerado uma das variedades do maravilhoso, considerando que os acontecimentos sobrenaturais dos mesmos não provocam surpresa alguma.

Por fim, na vertente maravilhosa, verifica-se a presença do fantástico- maravilhoso, o qual, nas palavras de Todorov (1975) encontra-se

[...] dentro da classe de relatos que se apresentam como fantástico e que terminam com a aceitação do sobrenatural. Esses relatos são os que mais se aproximam do fantástico puro, pois este, pelo fato mesmo de ficar inexplicado, não racionalizado, sugere-nos, em efeito, a existência do

sobrenatural. O limite entre ambos será, pois, incerto, entretanto, a presença ou ausência de certos detalhes permitirá sempre tomar uma decisão (TODOROV, 1975, p. 29).

Dessa forma, compreende-se que no fantástico-maravilhoso, um acontecimento não pode ser explicado pelas leis naturais como são reconhecidas, sugerindo, portanto a existência do sobrenatural.

O conto "A menina de lá", publicado no livro *Primeiras Estórias*, obra de João Guimarães Rosa, traduz-se como exemplo de obra literária fantástica, trazendo especificamente a figura do fantástico-maravilhoso no sertão brasileiro. Nesta obra, o autor proporciona ao leitor o contato com o sobrenatural, o qual é responsável por provocar-lhe intensas reflexões.

Enredo do conto

"A menina de lá", conto de admirável sensibilidade poética, autoria de João Guimarães Rosa, narra à história de uma menininha de quase quatro anos de idade, que, magnificamente, profere desejos, os quais, de maneira milagrosa, são atendidos. A princípio, os desejos realizados pela menina aparentam ser apenas mera coincidência do destino, porém, após fatos extraordinários ocorrerem, a garotinha passa a ser observada de maneira singular.

O primeiro milagre realizado pela menina Maria, dita Nhinhinha, ocorreu quando ela, diante dos pais e Tiantônia, desejou que um sapo fosse ao seu encontro:

- Eu queria o sapo vir aqui". Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha - e não o sapo de papo, mas uma bela rã brejeira, vinda do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela riu: - "Está trabalhando um feitiço..." Os outros se pasmaram; silenciaram demais (ROSA, 1988, p. 22).

Por meio da leitura dessa passagem é possível perceber certo estranhamento perante o ocorrido por parte dos familiares que, conseqüentemente, atinge nós leitores. No entanto, esse fato inusitado pode ser considerado, até o momento, mero acaso.

Alguns dias depois, Nhinhinha expressa, em um sussurro, sua vontade de comer pãezinhos de goiabada e um novo evento inesperado ocorre:

[...] e, nem bem meia hora, chegou uma dona, de longe, que trazia os pãezinhos da goiabada enrolada na palha. Aquilo, quem entendia? Nem os outros prodígios, que vieram se seguindo. O que ela queria, que falava, súbito acontecia. Só que queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita (ROSA, 1988, p. 22).

No trecho mencionado acima nos deparamos novamente com outro desejo da garotinha que se realiza de modo inexplicável. No entanto, como o primeiro caso e os mais que se seguirão, o ocorrido não representa aos demais personagens e ao leitor fatos sobrenaturais, insólitos, mas são entendidos como coincidências do acaso.

Todavia, logo a Mãe adoeceu e não havia ali nenhum medicamento capaz de oferecer cura à sua enfermidade ou alívio às suas dores. Diante disso, Nhinhinha, sorrindo “veio vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto. Souberam que ela tinha também outros modos”. (ROSA, 1988, p. 22).

A partir daí, a família de Nhinhinha passou a compreender que a garotinha não era uma criança comum, porém um ser dotado de um dom sobrenatural que implicava realizar as suas vontades. Dessa forma, o Pai, a Mãe e Tiantônia decidiram guardar segredo sobre Maria, para que pessoas maldosas e interesseiras não aparecessem para tirar proveito do dom da menina.

Em seguida, eis que surge um período de seca na região onde era localizado o sítio dos pais de Nhinhinha, fenômeno prejudicial à agricultura e ao plantio em geral. Por esse motivo, o pai da menininha pede a ela que faça chover e, às duas horas da manhã, a garotinha desejou: “... queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho que era mais um vivo côr-de-rosa” (ROSA, 1988, p. 23).

Pouco tempo depois, a garotinha adoeceu e morreu. A família ficou abalada, como se tivesse morrido uma parte deles. Nesse momento, Tiantônia contou que Maria, naquele dia do arco-íris, havia revelado que iria falecer e, portanto queria que fosse enterrada em um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes. A princípio, o pai não aceitou a ideia, mas após conversar com mãe, decidiram providenciar o caixãozinho da maneira escolhida pela filha: “... pelo milagre, o de sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha” (ROSA, 1988, p. 24).

Estrutura do conto

A descrição do ambiente do conto é feita de maneira modesta, ou seja, sem descrições excessivas, mas apenas situando o lugar: “Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus” (ROSA, 1988, p. 20).

A narrativa faz uso de um número mínimo de personagens, caracterizando-os com descrições rápidas e objetivas, com destaque na menina Maria, seu pai e mãe:

O Pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a Mãe, urucuina, nunca tirava o têço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém. E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera muito miúda, cabeçudota e com olhos enormes (ROSA, 1988, p. 20).

Nhininha, principal personagem do conto, é descrita como uma criança consideravelmente diferente das demais. A garotinha não demonstra interesse por brinquedos e pelas demais brincadeiras infantis, mas vive isolada em seu espaço, em seus silêncios: "... não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia" (ROSA, 1988, p. 20).

As qualidades físicas conferidas à Nhininha, "cabeçudota" e "com olhos enormes", são de extrema importância para inferirmos sobre as características psicológicas da garotinha, as quais são decisivas para o entendimento do conto. Com base na leitura e interpretação do conto, é possível atribuir ao vocábulo "cabeçudota" o sentido de pensar muito, ou seja, alguém de grande capacidade imaginativa e de muita reflexão. Já a expressão "com olhos enormes" pode ser entendida como a capacidade de reparar coisas que os demais não reparam: "Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito" (ROSA, 1988, p. 20).

Em se tratando da estrutura do conto, é possível verificar que este é narrado ora em primeira pessoa, ora em terceira pessoa. No desenrolar da narrativa, depara-se, inegavelmente, com momentos em que o narrador se faz personagem da história e mantém diálogos com Nhininha, portanto o conto é narrado em primeira pessoa: "Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: - "Vou visitar êles..." Ralhei, dei conselhos, disse que ela estava com a lua" (ROSA, 1988, p. 21-22).

No entanto, após alguns ocorridos, o narrador se retira como personagem da história e continua a contá-la com um olhar de fora dando, desse modo, espaço à narração, em terceira pessoa: "Nunca mais vi Nhininha. Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagres" (ROSA, 1988, p. 22).

Outra importante condição a enfatizar é a linguagem do conto. Entre as falas vigentes, é importante destacar a linguagem infantil, sempre presente no discurso de Maria, ao fazer uso de palavras no diminutivo e onomatopeicas: "... "Cheiinhas!" - olhava as estrêlas, deléveis, sôbre-humanas. Chamava-as de "estrelinhas pia-pia". Repetia: - "Tudo nascendo!" (ROSA, 1988, p.21). Outro tipo de linguagem de vital importância a discutir é a linguagem peculiar de Nhininha, um tanto incompreensiva ao mundo adulto, inclusive aos seus pais, que pode sugerir ao leitor a capacidade imaginativa e eufemística da garotinha de criar vocábulos e expressões: "Ele te xurugou?" [...] "Tatu não vê a lua" (ROSA, 1988, p. 20).

Ainda, quanto à linguagem, é possível discutir o uso do discurso direto, que, segundo Gancho, "é o registro integral da fala da personagem, do modo como ela diz" (GANCHO, 1999, p. 37). Tal discurso é facilmente percebido no seguinte trecho do conto: "[...] "Eu quero ir para lá." - Aonde? - "Não sei" (ROSA, 1988, p. 21).

Como o discurso direto, se faz presente no conto também o discurso indireto, definido por Gancho como aquele que faz "o registro indireto da fala da personagem por meio do narrador, isto é, o narrador é o intermediário entre o instante da fala da personagem e o leitor" (GANCHO, 1999, p. 40). O discurso indireto evidencia-se no seguinte trecho: "Experimentaram pedir a Nhininha: que quisesse a chuva" (ROSA, 1988, p. 22).

Assim sendo, o conto de Guimarães Rosa versará sobre a curta vida de Nhinhinha, criança com um olhar diferenciado para com o mundo dos homens, observando-o atentamente e interferindo no mesmo, através de milagres, com o intuito de realizar seus desejos e ajudar sua família.

Com base na leitura e interpretação do conto, é possível compreender o significado do título e o emprego do advérbio “lá”: “A menina de lá”. Nhinhinha não pertencia ao mundo mortal, por conta de sua capacidade de realizar milagres e ser capaz de refletir de forma bastante madura sobre o que está ao seu redor, mas a um mundo espiritual ou sobrenatural, onde ela sempre afirmava que estaria brevemente, como mostra o trecho a seguir: “Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: - “Vou visitar êles...” (ROSA, 1988, p. 21).

A partir daí, entende-se que Nhinhinha pertencia a um lugar incerto e desconhecido à humanidade. Ceserani (2006) defende esse tipo de atmosfera como “gótica”, ou seja, “... cenário de um lugar impreciso e remoto, no limite entre “o lado de cá” e “o lado de lá...” (CESERANI, 2006, p. 120).

É importante destacar ainda que a presença do fantástico no conto de Guimarães Rosa, ou em qualquer outra narrativa, não ocorre eventualmente, mas é empregada com o intuito de aludir, estruturalmente, a uma realidade implícita, como sugere Nanddorfy citada por Roas (2011):

Todo estudio dedicado a la literatura fantástica implica una oposición, a menudo implícita. Lo fantástico parece destinado a constituir una categoría negativa, proyectada contra lo que se considera normal, natural y objetivo. Esta oposición no sería tan radical si se considerara que los supuestos dados del discurso filosófico pertenecen a un enfoque específico orientado sobre un segmento de la realidad; pero, como se verá, rara vez sucede así, ya que el saber tiende a concebirse como una totalidad. Si se asocia a la lógica y al lenguaje <representacional> la realidad queda recogida en una entidad por completo accesible y acogedora, fuera de la cual se hallan únicamente las cosas y los hechos fantásticos, que <existen> sólo en la fantasía; en otras palabras, la irrealidad, la ilusión, la nada (NANDDORFY apud ROAS, 2011, p. 243).

Compreende-se, portanto, que o fantástico não é integrado às obras literárias sem seus devidos motivos, mas este é incorporado à arte em questão, pois se faz imprescindível ao desenvolvimento da narrativa e por apresentar a realidade humana a partir de distinto e singular aspecto.

A construção do fantástico e do fantástico-maravilhoso

No conto produzido por João Guimarães Rosa, “A menina de lá”, é inegável a presença do sobrenatural, elemento essencial para a obra ser configurada como pertencente ao gênero fantástico. Tal efeito constrói-se gradativamente no conto, a princípio é percebido por meio da

incerteza, quanto ao sobrenatural por parte das personagens da narrativa e, conseqüentemente, do leitor.

Ao realizar a leitura da obra experimentamos uma condição considerada por Todorov como de extrema importância para a construção do fantástico, intitulada de hesitação, ou seja, não sabemos se o que está acontecendo é mesmo sobrenatural ou poderá ser explicado pelas leis do mundo natural: "O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um conhecimento aparentemente sobrenatural" (TODOROV, 1975, p. 16).

Na produção de Guimarães Rosa experimentamos essa vacilação a partir do momento que Nhinhinha começa a realizar seus milagres, como mostra o trecho a seguir:

- Eu queria o sapo vir aqui" Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha - e não o sapo de papo, mas uma bela rã brejeira, vinda do verdejoso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela riu: - "Está trabalhando um feitiço..." Os outros se pasmaram; silenciaram demais (ROSA, 1988, p. 22).

O trecho acima apresenta o primeiro milagre concretizado por Nhinhinha, fato esse chocante às personagens que o presenciaram, assim como ao leitor. No entanto, tal situação, analisada isoladamente, pode ser entendida como simples coincidência cotidiana, considerando que o sapo é um animal da categoria anfíbia existente em nosso mundo, encontrado facilmente em zona rural, lugar onde vive Nhinhinha e sua família, ou um milagre propriamente dito, pelo fato do sapo ter ido ao encontro da garotinha quando ela chamou-o, numa época de extrema aridez no sertão onde residia a garota e seus pais.

Desse modo, cabe à narrativa apresentar os fatos a fim de promover a dúvida diante do sobrenatural. A princípio, as personagens, assim como o leitor, ficam confusos com o acontecimento e põem-se a indagar se a garotinha seria um ser especial ou se suas ações não passariam de um acaso, depara-se, assim, com a vacilação na estrutura do texto.

A seguir, a narrativa apresenta uma nova situação muito semelhante ao episódio do sapo, o qual leva novamente as personagens e o leitor a ficarem hesitantes:

Dias depois, com o mesmo sossego: - "Eu queria uma pamonhinha de goiabada" - sussurrou; e, nem bem meia hora, chegou uma dona, de longe, que trazia os pãezinhos da goiabada enrolada na palha. Aquilo, quem entendia? Nem os outros prodígios, que vieram se seguindo. O que ela queria, que falava, súbito acontecia. Só que queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita (ROSA, 1988, p. 22).

O novo ocorrido, mencionado no fragmento acima, gera perplexidade nas personagens, o que também resulta na vacilação e incerteza do leitor. Entretanto, como se evidencia no trecho, os

desejos da garotinha são tão simples que acabam por não chamar muita atenção, sendo encarados como casualidade.

Todavia, após sempre obter milagres simples, ou seja, aqueles que segundo o texto “não põe e nem quita” (ROSA, 1988, p. 22), Nhinhinha realiza algo formidável, fazendo com que, dessa vez, os familiares creiam que a mesma de fato possui um dom:

Assim, quando a Mãe adoeceu de dores, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando seu - "Deixa... Deixa..." - não a podiam despersuadir. Mas veio vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto. Souberam que ela tinha também outros modos (ROSA, 1988, p.22).

A partir desse momento, quando Nhinhinha cura sua mãe, os familiares passam a acreditar que sua garotinha, de fato, era dotada de algo especial. Por conseguinte, é possível compreender ainda que a vacilação experimentada pelas personagens do texto e do leitor é rompida, pois os mesmos passam a crer no sobrenatural, dando lugar a uma das modalidades da narrativa fantástica intitulada de Fantástico-Maravilhoso, definida por Todorov como:

[...] classe de relatos que se apresentam como fantásticos e que terminam com aceitação do sobrenatural. Esses relatos são os que mais se aproximam do fantástico puro, pois este, pelo fato mesmo de ficar inexplicado, não racionalizado, sugere-nos, em efeito, a existência do sobrenatural. O limite entre ambos será, pois, incerto, entretanto, a presença ou ausência de certos detalhes permitirá sempre tomar uma decisão (TODOROV, 1975, p. 29).

Mediante esse trecho da obra que relata a cura da mãe pela menina, e a explanação oferecida por Todorov, pode-se concluir que o conto de Rosa está para o Fantástico-Maravilhoso, devido às ações realizadas por Nhinhinha não poderem “... ser explicadas pelas leis da natureza tal como são reconhecidas; estamos, pois, no terreno do fantástico-maravilhoso.” (TODOROV, 1975, p. 30).

Vindo ao encontro do fantástico-maravilhoso, Fernández, citado por Roas (2011), apresenta-nos o realismo-maravilhoso, que se refere à mutação do comum e do habitual em uma vivência que abrange experiências sobrenaturais ou fantásticas:

La transformación de lo cotidiano en inverosímil - con frecuencia por medio de su exageración - y la utilización eficaz por medio de un narrador imperturbable de sucesos increíbles. Relacionada con el relato oral y con la imaginación infantil, esa manera de narrar insiste en ser el testimonio de una mentalidad no coartada por el racionalismo. De esa mentalidad, en

resumidas cuentas, fue manifestación el realismo mágico, que parecía dar la razón a quienes pensaban que las culturas más creativas (literariamente) eran aquellas que se encontraban más próximas a los orígenes, las que aún conservaban vivo su caudal de mitos y de leyendas derivadas de los mitos (FERNÁNDEZ apud ROAS, 2011, p. 291-292).

Diante disso, evidenciamos que no realismo-maravilhoso os acontecimentos diversificados nas obras literárias são reais, todavia os mesmos trazem uma conotação implícita, pois não apresentam uma explicação racional por se tratar de um fato muito improvável de ocorrer na realidade empírica.

Configurando aspectos inerentes ao realismo-maravilhoso, no conto “A menina de lá”, Nhinhinha realiza outro significativo milagre, ocorrido em virtude da seca vigente na região em que vivia, com prejuízo à agricultura local e ao plantio, no sítio de sua família:

Daí a duas manhãs quis: queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho – que era mais um vivo cor-de-rosa. Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a refrescação. Fez o que nunca lhe vira, pular e correr por casa e quintal” - “Adivinhou passarinho verde?”- Pai e Mãe se perguntavam. Esses, os passarinhos, cantavam, deputados de um reino (ROSA, 1988, p. 23).

O desfecho desse conto se dá com a morte repentina da menininha, situação muito difícil ao pai, à mãe e Tiantônia. Após a morte da garotinha, era necessário que os familiares fizessem os preparativos para o funeral, nesse momento, Tiantônia revela as palavras de Nhinhinha ditas a ela, no dia em que desejou o arco-íris, ou seja, estaria com os parentes falecidos, motivo pelo qual a tia havia esbravejado com Maria: “que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites de verdes brilhantes... A agouraria! Agora, era para se encomendar o caixãozinho assim, sua vontade?” (ROSA, 1988, p. 23-24).

Diante do que foi apresentado, pode-se verificar, inegavelmente, a presença do fantástico-maravilhoso e do realismo-maravilhoso no conto de Guimarães Rosa. Tal consideração pode ser confirmada devido aos aspectos insólitos presentes na narrativa, à vacilação das personagens, o que leva o leitor a hesitar também, quanto à ocorrência dos milagres realizados por Nhinhinha e a incapacidade de explicação dos eventos sobrenaturais presentes no conto.

Em seus estudos, Ceserani (2006) sugere que, de maneira estratégica, a narrativa fantástica, ao propor uma história, na verdade tem a intenção de contar outra, a qual, certamente, deve ser interpretada pelo leitor:

A presença de elementos de paródia e de discussão metanarrativa sobre os modos e sobre os códigos da narração parece uma indicação e uma sugestão da ambiguidade de toda a operação estratégica: a literatura

fantástica finge contar uma história para poder contar outra (CESERANI, 2006, p. 102).

Por conseguinte, cabe ao leitor interagir com a narrativa, a fim de verificar e elaborar prováveis leituras do que, na ficção, o fantástico, imbricado na história, almeja sugerir. Com base na leitura e análise do conto proposto neste artigo, faz-se apropriado realizar algumas possíveis leituras do sentido do sobrenatural presente em “A menina de lá”, o que poderá ser, obviamente, incorporado à realidade empírica.

O sobrenatural, correlacionado à realidade empírica, mencionada no parágrafo anterior, pode ser compreendido no conto como uma possível intenção do autor de revelar que a vida não deve ser encarada e compreendida apenas pela razão e pela lógica, porém, deve-se considerar a imaginação e os devaneios, os quais, certamente, contribuem para o desenvolvimento humano cognitivo e psíquico, pois podem representar subsídios ao homem para que este seja capaz de lidar melhor com suas próprias pulsões diante do mundo real.

Nesse sentido, Freud (1908/2006) nos mostra que a fantasia está presente em todos os seres humanos e que “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (FREUD, 1908/2006, p. 137). Portanto, todos os indivíduos têm um mundo de fantasias, todavia a barreira da repulsa faz com que a maioria das pessoas se envergonhe de seus sonhos e devaneios, escondendo-os no seu íntimo.

Outra possível leitura do conto poderia sugerir que a fantasia infantil, ligada à inocência, à pureza e à maneira simples de enxergar a vida, estabelece o elo entre o real e o irreal. Sabe-se que, à medida que envelhece, o homem torna-se cada vez mais centrado e ajuizado diante do grupo ao seu redor, deixando suas fantasias ocultas dentro de si. Por outro lado, a criança não se acanha em fantasiar e expor seus devaneios, muito pelo contrário, mergulhada em um universo exclusivamente seu, exhibe seus desejos e idealismos, sejam esses possíveis de se realizarem na realidade empírica ou não.

Por fim, apreciando o conto abordado nesta pesquisa, com certo tom de religiosidade, é aceitável considerar que, em meio ao mundo cético como o contemporâneo, no qual as pessoas estão se tornando cada vez mais individualistas, sem se preocuparem com a figura do próximo e sem preparo para eventuais desafios ou dificuldades, a fé e a esperança são imprescindíveis à vida.

Considerações Finais

Mediante a análise do conto “A menina de lá”, de João Guimarães Rosa, verificara-se aspectos do insólito em sua construção. Tais aspectos são representados claramente pelo fantástico-maravilhoso, o qual, invariavelmente, vai ao encontro do realismo-maravilhoso. No

entanto, é inadmissível classificar as obras do gênero fantástico e de seus gêneros vizinhos como tal, sem se preocupar com maiores reflexões semânticas. Evidentemente, o autor possui determinada intenção no momento em que realiza sua produção, cabendo aos leitores interpretá-la e atribuir-lhe sentido no ato da leitura, desse modo, portanto, ampliando e transformando sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. "A Literatura e a formação do homem". *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 1996.

_____. "O direito à literatura". *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba, Londrina: UFPR/EDUEL, 2006.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. "Grávida" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 131-143.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O Fantástico*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

ROAS, David. *Teorías de lo Fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2011.

ROSA, João G. A menina de lá. *Primeiras estórias*. 46ª imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 22-26.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.